

Cruzando fronteiras na intimidade da casa-boleia de um caminhão: as transformações vividas por um homem tocado pelo mundo sensorial de um bebê e sua mãe¹

Nara Amália Caron,² Porto Alegre

Rita de Cássia Sobreira Lopes,³ Porto Alegre

*Viajar, cruzar fronteiras, defrontar-se com o estrangeiro que nos habita, são experiências transformadoras. Este artigo tem como objetivo ilustrar, por meio do filme argentino *Las acacias*, os efeitos transformadores de uma viagem de volta ao estranho mundo sensorial do bebê. O filme mostra a viagem de renascimento de Rubén, um caminhoneiro solitário, enclausurado em sua casa-boleia, retraído do mundo, com características claramente esquizoides. Seu mundo é subitamente invadido por uma bebê (Anahí) e sua mãe (Jacinta), que tomam carona com ele da fronteira do Paraguai até Buenos Aires. Com naturalidade e simplicidade, somos levados a vivenciar transformações que se operam em níveis mais primitivos e autênticos da comunicação humana, e que se manifestam por meio de detalhes sutis. A possibilidade de vivenciar esses aspectos da natureza humana, seja na clínica ou na arte, contribui para a expansão do mundo interno, ampliando a nossa capacidade de receptividade ao primitivo no ser humano e à verdade inconsciente.*

Palavras-chave: intimidade; transformação; nascimento; mutualidade; integração; comunicação humana

¹ Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada no Colóquio ARIP 2016, *Béb é Attentif cherche Adulte(s) Attentioné(s)*, Avignon, França.

² Médica. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Analista de crianças e adolescentes.

³ Doutora em Psicologia pela Universidade de Londres. Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

“Não se sabe exatamente por que se faz filmes até que os terminamos e os deixamos ir. Durante o processo, encontrei diferentes razões, mas nunca cheguei a dar uma resposta que me satisfizesse.

Agora, olhando para trás, sinto que esta viagem começou quando adoeceu o meu pai. Meu mundo de então começou a desabar. Sem me dar conta, me fui isolando cada vez mais da minha família e de mim mesmo. De um dia para outro, ao longo de 10 anos, me separei da minha esposa de então e a crise feroz que nesse momento se deu em meu país me deixou sem trabalho e quase sem casa. Tudo ao mesmo tempo, em poucos meses. Foi demasiado.

Este filme fala de minha dor frente à perda, da solidão desse momento. Do filho que era então e do pai que ainda não sou. Do alívio que senti quando descobri que para além da morte do meu pai, ainda tinha uma família e pude voltar a conectar-me com eles e comigo mesmo. Da nova família que encontrei quando conheci María, minha mulher” (Pablo Giorgelli, 2011a, tradução livre).

Todo o filme foi um longo processo de amadurecimento interior” (Pablo Giorgelli, 2011b, tradução livre).

São raras as oportunidades que temos de comprovar como a arte – e, no caso mais específico, o cinema – é uma via privilegiada para a expressão, transmissão e elaboração de aspectos primitivos da natureza humana, usualmente inacessíveis à linguagem verbal. Como visualizar, por exemplo, um processo de mudança ou de amadurecimento interior facilitado por níveis mais primitivos e autênticos da comunicação humana na relação analítica?

Pablo Giorgelli, diretor de *Las acacias*, 43 anos, nos brinda com a possibilidade de ilustrar, por meio de seu filme – que recebeu vários prêmios, inclusive o do Festival de Cannes em 2011 –, o processo de transformação de um homem, impulsionado por uma viagem *de volta ao começo* ou de *descida em direção às mães*, para usar a expressão criada por Goethe em Fausto e posteriormente adotada por Freud. Podemos dizer que *Las acacias* nos oferece uma experiência viva, que pode servir como modelo para refletirmos sobre processos de mudança em níveis mais primitivos do encontro analítico, tendo a integração como principal conquista, a qual só pode ser visualizada por meio de pequenos detalhes muito sutis.

O filme chama atenção pela sua simplicidade e pela riqueza de detalhes das expressões e emoções humanas, características dos fenômenos psíquicos primitivos. Giorgelli traduz da seguinte forma a imagem disparadora do filme: “Quando comecei com *Las Acacias*, lembro da imagem pontual que disparou em mim a ideia do filme: uma mulher sozinha, carregada de malas, esperando em uma parada de estrada” (2011, s/p, tradução livre). Toda essa simplicidade de expressão não reduz, todavia, a complexidade implicada nesses fenômenos e, principalmente, o desafio de mergulhar em formas primitivas de expressão emocional, que antecedem as palavras. Prova disso é que todo processo do filme, incluindo a produção do roteiro, durou cinco anos.

Os elementos do roteiro podem ser assim resumidos: um homem (Rubén), uma mulher (Jacinta), um bebê (Anahí) e uma viagem.

O filme ilustra como, em algumas formas de expressão artística, torna-se demasiado tênue a fronteira entre realidade e ficção. Em diversos momentos, costumamos a crer não se tratar de um documentário. Essa sensação de realidade é facilitada pelo próprio elenco que, para o diretor, não foi propriamente fruto de escolhas racionais, mas de uma confluência de coincidências e encontros muito acertados.

Rubén, o protagonista, foi magistralmente interpretado pelo ator Germán Silva, com 50 e poucos anos. Nas palavras de Pablo Giorgelli, Germán, é um gênio! “Ele compreendeu o espírito de Rubén [...] conversando com o público, me perguntam: ‘ele é um caminhoneiro ou um ator?’” (Giorgelli, 2013, s/p). Cabe lembrar que, antes de encontrar Germán, o diretor chegou a pensar na possibilidade de contratar caminhoneiros de verdade.

Jacinta foi também primorosamente interpretada por Hebe Duarte, que curiosamente não é atriz profissional. Não dá para acreditar que não seja, de fato, mãe de Anahí, tal a sintonia e encaixe entre as duas. Para Giorgelli (2013):

O caso de Hebe é ainda mais curioso porque ela era assistente de produção [...] e seu trabalho era procurar possíveis Jacintas para o papel. Depois de um ano de viagem a Assunção, procurando a minha Jacinta, [...] resolvemos fazer um teste com Hebe e foi incrível! Eu digo que ela não é uma atriz porque não trabalha com isso, mas [...] é uma tremenda atriz! (s/p).

Completando o elenco, o diretor acredita que ter encontrado Nayra, a bebê que vive Anahí, foi “um milagre”. Giorgelli (2013) conta que

ela apareceu apenas um mês antes de começar as filmagens e nos testes já era exatamente como é no filme, um bebê muito especial, muito conectado com os outros e com tudo que estávamos fazendo. Ela tinha apenas 5 meses! [...] Definitivamente, um bebê não atua, ele simplesmente é o que é em frente a uma câmera (s/p).

Após apresentarmos o pano de fundo desta viagem e as personagens que dela participam, passamos ao relato da mesma, por nós reconstruída a partir de um embasamento psicanalítico. Pretendemos ilustrar, por meio deste relato, as transformações impulsionadas por níveis mais primitivos e autênticos da comunicação humana, difíceis de serem traduzidas em palavras, e cuja compreensão exige de nós uma *consideração/descida ao detalhe*, como defendida por Freud (1914), e treinada por Bick (1964) em seu método de observação de bebês.

Cruzando fronteiras

Rubén é um caminhoneiro solitário; retraído do mundo e fechado em sua casa-boleia de caminhão, perdeu a capacidade de se comunicar com os demais, e segue silenciosamente sua rotina, bebe mate e fuma cigarro sem parar. O protagonista do filme apresenta características claramente esquizoides. Levava uma vida pobre, repetitiva, sem relacionamentos, sem trocas de nenhum tipo, protegido para não sofrer decepções, separações, perdas. Repetia sempre o mesmo trajeto, encontrava as mesmas pessoas, mas não se comunicava. Ficava quieto e seguia a viagem. Enclausurado em sua casa-útero-boleia, Rubén se sentia mais seguro. Evitava qualquer solicitação do ambiente e também a irrupção de seus desejos. Por outro lado, ficava vazio, não sabia o que dizer, e tinha medo de amar – este parecia ser um grande risco.



Rubén ganhava a vida carregando toras de acácias entre Assunção e Buenos Aires. Vivía a ilusão de que seu mundo masculino de dureza e rigidez, simbolizado pelas acácias que carregava, tudo lhe daria, quando é inesperadamente invadido por uma bebê, Anahí, e sua mãe, Jacinta, que tomam carona com ele da fronteira do Paraguai até Buenos Aires, a mando do patrão, Sr. Fernando. Não esperava por um bebê. Sente-se totalmente invadido por aquele *desconhecido/estrangeiro*. Somos convidados a assistir ao filme como se faz uma observação de bebês (Bick, 1964); assim como Rúben e Jacinta nada sabem um sobre o outro, nada é revelado que o espectador não possa vivenciar por si só, em seu próprio corpo, pelas imagens.



Por detalhes sutis, não verbais, fica evidente que Rubén e Jacinta sofreram duros golpes da vida. Numa das primeiras cenas do filme, aparece uma enorme

cicatriz nas costas de Rubén em forma de lua crescente, numa clara alusão aos violentos cortes, quebras e sofrimentos que deixaram profundas cicatrizes, assim como o corte das acácias no início do filme. Ambos carregam cargas pesadas, mas diferentes: a dela é viva, vai crescer e se transformar ao longo do tempo (a bebê Anahí). A dele é morta (toras de acácias).



Enquanto Jacinta almeja encontrar em Buenos Aires uma nova perspectiva para si e sua filha – que ela faz questão de frisar que “não tem pai” –, Rubén parece resignado com sua condição e sem esperança. Isso vai mudando ao longo da viagem, à medida que Rubén vai renascendo, deixando-se tocar por dois corpos vivos (Anahí e Jacinta) e começando a tomar posse de seus desejos até então reprimidos, como a paternidade, uma relação amorosa, uma família.

Há poucos e curtos diálogos verbais, o texto é mínimo. Mesmo quando Rubén e Jacinta conversam, fica a sensação de que não há muito que falar. Ao mesmo tempo, há muito mais por trás do que dizem, deixando o espectador sem compreender o que de fato aconteceu em suas histórias. Olhares, expressões corporais, gestos, estimulados pela bebê Anahí, são a base da comunicação entre os três durante essa viagem de 1500km, e traduzem as nuances dos sentimentos das personagens. Com seu olhar fixo, penetrante, assim como espontaneidade de gestos e expressões, Anahí conquista o olhar e mobiliza o carrancudo e silencioso Rubén. Passam a estabelecer um rico diálogo não verbal, que muito contribui para o enriquecimento emocional do protagonista. Anahí pode ser vista como um embrião ou ponte que possivelmente vai impulsionar um novo horizonte para Rubén e Jacinta. Na verdade, nossa experiência com observação de bebês (Bick, 1964), na clínica e na vida cotidiana, nos mostra que um bebê é um embrião para muita coisa. É um forte catalisador de mudanças internas e externas na mãe e no pai.



As mudanças que vão acontecendo com Rubén ao longo desse percurso são comunicadas de forma sutil. No início, há apenas som e imagem. O barulho forte de uma serra é seguido da imagem de uma acácia que cai inteira no chão. Logo em seguida, aparece o braço de um homem na janela de um Scania, segurando um cigarro na mão. O Scania vai saindo lentamente. Pelo espelho retrovisor, avista-se a estrada que vai ficando para trás, assim como uma imensa carga de toras de acácias. No final, aparece a mesma imagem de um caminhão carregado de toras, só que agora dirigido por um homem que quase não controla suas lágrimas, enriquecido, reassumindo sua rota solitária depois das transformações sofridas ao longo da viagem. É no intervalo entre esses dois pontos – início e fim da viagem – que a história se desenrola.

O filme é impressionante, sobretudo quando nos damos conta de que as transformações que vão acontecendo com a personagem principal – Rubén – ocorrem essencialmente dentro da cabine de um caminhão-casa, e são comunicadas por pequenos detalhes corriqueiros, pequenos espaços, pequenas ações, pequenos olhares, pequenos sentimentos e o mínimo possível de palavras.

É uma viagem predominantemente silenciosa, por esse inquietante e usualmente inacessível lugar em que vivem os bebês e suas mães. Como lembra o diretor, o silêncio em seu filme é um *silêncio narrativo*, que certamente encontra paralelo no *contato sem atividade* de que nos fala Winnicott (1963), assim como na *experiência de mutualidade* (Winnicott, 1969), ao se referir à forma de comunicação humana mais primitiva.



Na experiência de mutualidade mãe-bebê, a comunicação é silenciosa, pois a primeira forma de comunicação humana é “em termos de anatomia e fisiologia de corpos vivos” (*Ibid.*, p. 200). Esse tipo de comunicação é facilitado pelo estado de sensibilidade especial da mãe, que se torna capaz de perceber inconscientemente os sinais do bebê e a eles reagir, sem a intervenção consciente. Edna Vilete nos lembra que o homem adulto comum tende a desviar a sua percepção desses fenômenos que se passam dentro do seu corpo e abre mão dessas faculdades especiais (Vilete, 2013).

A quebra da casca grossa de acácia

Ao ser perguntado sobre o porquê do título *Las acacias*, o diretor responde que a acácia “é uma árvore especial da qual fui me enamorando por várias razões, sem saber como. As acácias têm espinhos e não se deixam abraçar. Rubén é um pouco assim, não?” (2011c, s/p).

Ao longo da viagem, a acácia cheia de espinhos de Rubén vai se quebrando. A *consideração ao detalhe* nos permite visualizar as pequenas ações que vão transmutando-se, indicadoras de profundas transformações. Uma dessas pequenas ações são as entradas e saídas do caminhão, simbolizando o mundo interno de Rubén que vai pouco a pouco ganhando vida dentro de si e se ampliando para o exterior. No início da viagem, visivelmente contrariado, Rúben entra no Scania e liga o motor, fazendo Jacinta entrar com todas as malas e a bebê, totalmente por conta própria. Dentro da sua casa-boleia, é possível observar Rubén fechando-se em si mesmo; um silêncio constrangedor e uma sensação de imensa distância e ameaça permanecem por um longo tempo, durante cerca de 1/3 da viagem (500km).



Rubén tenta anular a presença da dupla Jacinta-Anahí, ao acender um cigarro, por exemplo, soltando baforadas de fumaça dentro da cabine. E, igualmente de forma sutil, Jacinta abre discretamente o vidro da porta do seu lado, comunicando que havia ali duas outras pessoas. Ele abre a janela do lado dele e apaga o cigarro. Em outra cena significativa, a bebê começa a chorar, e Jacinta diz com um tom de voz firme e claro: “ela tem fome... tenho que dar uma mamadeira a ela”, e ele para o caminhão. Expressa-se aqui muito mais do que o gesto de parar um caminhão. A partir desse momento, é como se ele parasse o seu funcionamento interno habitual. É possível notar como Rubén vai ficando mais sensível e acolhedor aos detalhes e sinais, às respostas corporais, ao núcleo da vida psíquica que se põe em marcha: abre janelas para dentro e para fora de sua casa-cabine. É tocado profundamente por uma necessidade de alguém fora de si mesmo. Passa a olhar para fora e fica encantado com a imagem de Jacinta amamentando sua bebê.



Retornam à boleia e seguem viagem. Após algumas trocas significativas de olhares, gestos e bocejos, e 500km de viagem, Rubén arrisca-se a perguntar à Jacinta: “Como você se chama?”. Ela responde, com entusiasmo: “Jacinta... e ela é Anahí”. Na sequência, Rubén expressa um gesto significativo ao presentear a bebê, quando esta chora, com a tampa de sua garrafa térmica. A bebê responde imediatamente brincando, levando a tampa à sua boca. Sente-se um relaxamento e uma aproximação entre os três. Em seguida, Jacinta anima-se a perguntar: “Você tem família?”. E ele responde: “Não... [faz uma pausa], tenho um filho”. Claramente que começam a expressar curiosidade e desejo de conhecerem um ao outro.



A dinâmica da boleia que vai se descortinando e sofre uma evolução é a dinâmica do próprio Rubén, revelando as muitas camadas de complexidade por trás daqueles olhos melancólicos e solitários, daquela casca, cheia de espinhos de acácia. Jacinta e Anahí, não por acaso duas mulheres, o ajudam a tirar os espinhos, e ele começa a se abrir para viver uma experiência junto com elas. Passou a gostar do que via/sentia, a viver algo que havia ficado perdido na estrada. O muro de defesas com o qual Rubén se protege começa a cair, e a sua sensibilidade aparece – um olhar, uma contração muscular na face, um interesse, um afeto em um olhar. Começa a descongelar-se, mobilizar-se, ter desejos, vida, etc. Encanta-se com o jeito como ela cuida – dá de mamar, troca fraldas e brinca com a bebê. É uma experiência de renascimento. Rubén sofrera um corte muito sério em sua vida, e foi subitamente tocado pela saúde e vida da bebê Anahí e sua mãe. O trânsito dentro-fora, espaço interno-espaço externo, intensifica-se. Vão nascendo palavras, onde antes havia silêncio. Nas palavras do diretor, “a minha vida tem certo paralelo com a viagem que faz Rubén (o protagonista do filme), uma viagem da solidão ao renascimento” (2011c, s/p).

Uma cena do filme ilustra bem essas transformações. No meio do caminho, Rubén para o caminhão para entregar um presente à sua irmã, única pessoa da sua família que aparece no filme. Como ela não estava, os três esperam sentados em frente a um lago. Estão de costas, sorridentes e relaxados, como se fossem uma família. A chegada do cachorro da irmã completa a cena familiar. Rubén se anima a perguntar a idade da bebê: “cinco meses”, responde Jacinta.



Ao voltar à boleia do caminhão, depois desta pequena excursão pelo exterior, ele retoma a estrada e olha bastante para a bebê; e, enquanto a mãe dorme, brinca com ela, como se quisesse muito estar no lugar de Anahí e de pai. A bebê acaba conquistando Rubén; pega seu dedo, leva-o à boca e chupa. Começa a pôr Rubén para dentro, assim como ele vai pondo Anahí para dentro e compondo uma imagem mais integrada dela: já tem nome, idade, identidade.

Como no método de observação de bebês (Bick, 1964), assistimos ao mistério das transformações e do desenvolvimento – por exemplo, como se passa do visível (gesto, comportamento) ao não visível (fantasias, pensamentos, mundo interno). Fica-se mais sensível e acolhedor aos detalhes, sinais, repostas corporais, que são o núcleo da vida psíquica, que se põe em movimento. Por exemplo, o olhar fixo de Anahí, penetrante, leva-nos a pensar que ela reflete sobre algo. Na troca de olhares entre os três, a bebê parece mostrar ter dentro de si o olhar da mãe, assim como a sua voz. Anahí olha através de Rubén e consegue chamar sua atenção. Olhando, sorrindo, ganha seu dedo, o põe na boca; também faz sons, vocaliza como se dialogassem. Parece que a resposta da mãe, clara, e também um pouco de acolhimento de Rubén permitem que Anahí se reconheça nesses espelhos, possibilitando *um diálogo*.

Mais adiante, Rubén se oferece para pegar Anahí no colo, e vai passear com ela enquanto a mãe sai para fazer uma ligação telefônica; a bebê imediatamente retribui o gesto com um sorriso.



Não é difícil perceber um nítido aumento de intimidade entre os protagonistas: a bebê passa a ter um lugar dentro de Rubén e vice-versa. A sua casa-boleia vai ficando mais confortável, afetuosa, compartilhada. É construído até um bercinho para a bebê. Há uma cena inclusive em que os três dormem na boleia do caminhão, quando Rubén e Jacinta são subitamente acordados pelo choro forte da bebê, que dormia no bercinho. Na sequência, aparece Rubén saindo do banho, e com interesse e ternura espia pela fresta de uma porta Anahí sendo trocada pela mãe. É uma cena muito expressiva. Fica um bom tempo olhando, com admiração, e vai esperar do lado de fora; fuma um cigarro, enquanto aguarda a vinda de ambas. No reencontro, há ternura nos gestos e olhares de Rubén e Jacinta. Antes de entrarem no caminhão para seguirem viagem, Jacinta pergunta sorridente: “Vamos?”. E Rubén responde, também com um sorriso: “Vamos!”. E, diferentemente da primeira cena, Rubén deixa que Jacinta entre primeiro no caminhão, e se oferece para segurar no colo a bebê, que dormia, enquanto a mãe se ajeita na cabine. Dentro da cabine, se intensificam a intimidade e as revelações de Rubén, facilitada pela presença da dupla mãe-bebê. Jacinta pergunta: “E o seu filho?”. Após um breve silêncio, Rubén revela que ele estava em Mendonza. Seu rosto se ilumina, e com orgulho diz que ele também se chama Rubén, que o conheceu quando ele tinha quatro anos, ocasião em que o presenteou com uma bicicleta. Conta, com detalhes e emoção, a reação do filho ao receber o presente; recorda que ele olhava com encanto para a bicicleta e para ele. E Jacinta lhe pergunta: “Há quanto tempo você não o vê?”. Novamente, depois de um silêncio, confessa: “Há oito anos”.

Na clínica com pacientes esquizoides, o *setting* se torna mais importante do que a interpretação. O *setting* pode ser visto como o espaço potencial em que a criatividade e a possibilidade de um brincar mútuo encontram a chance de se desenvolver. Pensamos que a presença de Jacinta e sua bebê na casa-boleia de Rubén possibilitou a criação de um *setting* por meio do qual ele pôde viver uma experiência de ilusão, tal qual um bebê na relação com a mãe. É possível dizer que, durante a viagem, Rubén teve uma *experiência curativa*, que emerge da solidão, do seu retraimento, e faz um movimento de expansão criativa do seu mundo interno entrando em contato com seu mundo emocional. Vislumbra, assim, a esperança de poder existir. Winnicott acreditava na possibilidade de experiências curativas ao longo da vida, sejam aquelas proporcionadas por um tratamento analítico, seja por oportunidades naturais que a vida oferece. *Las acacias* é um exemplo desta última.

Recompondo a casca

Após passar por essa experiência de ilusão, Rubén vivencia uma inevitável experiência de desilusão, com a quebra da onipotência, do controle e da segurança proporcionados por um *objeto subjetivo* (Winnicott, 1969). Ele se dá conta de que Jacinta estava fora de seu controle mágico, onipotente. Ela era um objeto real, fora dele, com vida própria. Essa experiência de desilusão é facilitada por uma situação vivida, já mais para o final da viagem, em um acampamento de caminhoneiros. Jacinta conversa, com entusiasmo, com um paraguaio que está sentado à mesa, acionando imediatamente o Rubén carrancudo e silencioso, a sua fragilidade. Certamente, Rubén expressa ciúmes e tristeza pela capacidade dela de sentir, se relacionar e se comunicar. Ele chega sempre aos lugares por onde anda como se fosse a primeira vez, não cria vínculo nenhum. Sofre com a sua incapacidade de sentir a vivacidade e a emoção que Jacinta e Anahí sentem.



Visivelmente frustrado, Rubén volta ao seu funcionamento anterior, silencioso e fechado em si mesmo, até o final da viagem. Na cena final, a família de Jacinta a recebe com muitos agrados, muita alegria, e ele fica parado, olhando, como um cão sem dono, mas admirado com o que via. Aquela família que recebeu Jacinta ele não tinha, tampouco a família por ele sonhada durante a viagem. Todos entram na casa, e Jacinta sai para se despedir. Agradece e declara que foi uma viagem muito linda.



Ela chegou ao seu destino, ele não. O pavor de se expor, o medo de não ser correspondido, a vergonha são claros no final, quando Rubén se esforça muito para dizer algumas palavras que poderiam ser entendidas como desejo de rever Jacinta, dar continuidade à viagem, e quase nada consegue. Rubén comenta que vai ao Paraguai, e indaga: “se ela precisar de algo...”. Sai para buscar a tampa da térmica, que deu de presente à Anahí durante a viagem. Ela sorri com um sorriso largo. Ele coça a cabeça. “Bom, bom, bom, me vou... tchau... tchau... É... é... eu vou a... eu estava pensando... me ocorreu que... vou a lugares bonitos e gostaria que você me acompanhasse... com Anahí, é claro...” Foi um parto esse diálogo! Nasceram algumas palavras, e eles se despedem com um beijo no rosto. Ele volta para o seu caminhão, e cada um segue a sua rota. Aparecem as toras, como no início. Ele *retoma a direção* de sua vida; sua fisionomia está triste, pesada. Certamente aproveitou a viagem, vislumbrando a possibilidade de usufruir da vida, mas é grande o risco de entrar novamente no familiar circuito fechado em que vivia: Paraguai – Buenos Aires – Paraguai.

Conclusão

Com naturalidade e simplicidade, somos levados a nos sensibilizar para as transformações sofridas em níveis mais primitivos e autênticos da comunicação humana. A possibilidade de vivenciar esses aspectos da natureza humana, seja na clínica ou na arte, contribui para a expansão do mundo interno, ampliando a nossa capacidade de receptividade ao primitivo no ser humano e à verdade inconsciente (Vilete, 2013).

Descortina-se o dilema humano entre aproximação e afastamento, desejo e medo de entrega, risco de perda dos limites, de quebra da casca grossa protetora, de perda da própria identidade. O amor é perigoso com suas delicadezas, sofrimento, com aproximações e afastamentos. Há um medo terrível de não ser correspondido, de não ser retribuído no que há de mais precioso, que é o próprio investimento amoroso no outro. □

Abstract

Driving across borders in the intimacy of a truck cab: the transformations of a man touched by the sensorial world of a baby and its mother

Traveling, crossing borders, coming face-to-face with the foreigner that inhabits us are transforming experiences. This article draws on the Argentinean film *Las Acacias* to illustrate the transforming effects of travelling back to the *strange* sensorial world of babies. The film depicts the journey of rebirth experienced by Ruben, a solitary truck driver with clear schizoid characteristics and cloistered away from the world in the cab of his truck. Then, Ruben's world is unexpectedly invaded by a baby (Anahí) and her mother (Jacinta) when they hitch a ride with him from the border of Paraguay to Buenos Aires. The film naturally and easily leads us to experience the transformations that operate at the most primitive and authentic levels of human communication. The possibility of experiencing these aspects of human nature, whether in the clinical practice or in art, expands our internal world and strengthens our receptivity to the primitive in human beings and to unconscious truth.

Keywords: intimacy; transformation; birth; mutuality; integration; human communication

Resumen

Cruzando fronteras en la intimidad de la casa-cabina de un camión: las transformaciones vividas por un hombre en contacto con el mundo sensorial de un bebé y su madre

Viajar, recorrer caminos, cruzar fronteras, enfrentarse a lo extranjero/desconocido que nos habita son experiencias transformadoras. Este artículo se propone ilustrar, al ver la película argentina *Las acacias*, los efectos transformadores de un viaje de regreso al *inquietante* mundo sensorial del bebé. La película muestra el viaje de renacimiento de Rubén, un camionero solitario, apartado del mundo, retraído dentro de su casa-cabina, con características claramente esquizoides. Su mundo es súbitamente invadido por una bebé, Anahí, y su madre, Jacinta, a quienes Rubén tiene que llevar desde la frontera de Paraguay hasta Buenos Aires. Con naturalidad y simplicidad, nosotros, espectadores, somos llevados a experimentar los efectos transformadores que se dan en niveles más primitivos y auténticos de la comunicación humana y se expresan por detalles sutiles. La posibilidad de vivir esos aspectos de la naturaleza humana, ya sea en la clínica o en la arte, contribuye a la expansión del mundo interno y amplía nuestra capacidad de receptividad a lo primitivo en el ser humano y a la verdad inconsciente.

Palabras clave: intimidad; transformación; nacimiento; mutualidad; integración; comunicación humana

Referências

- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. *International Journal of Psychoanalysis*, 45: 558-566.
- Freud, S. (1914). O moisés de Michelangelo. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.), (Vol. 13, pp. 249-280), Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Giorgelli, P. (2011a). *Las acacias. Nota del director*. La Higuera. Disponível em <http://www.lahiguera.net/cinermania/pelicula/5784/comentario.php>
- Giorgelli, P. (2011b, 22 de novembro). *Entrevista com Pablo Giorgelli*. Página 12. Cultura & Espectáculos. Recuperado de <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/espectaculos/5-23584-2011-11-22.html>
- Giorgelli, P. (2011c, 18 de agosto). *Entrevista com Pablo Giorgelli, director de Las Acacias cuenta secretos de su primera película*. Lamula. Pe. Recuperado de <https://lamula.pe/2011/08/13/pablo-giorgelli-director-de-las-acacias-cuenta-secretos-de-su-primera-pelicula/asunta/>

- Giorgelli, P. (2013). *Entrevista com Pablo Giorgelli*. Filmes do Chico. Recuperado de <http://filmesdochico.com.br/entrevista-pablo-giorgelli/>
- Vilete, E. (2013). *Sobre a arte da psicanálise*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Winnicott, D. W. (1969). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In D. W. Winnicott. *Explorações psicanalíticas* (J. O. A. Abreu, trad.) (pp. 195-202). Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- Winnicott, D. W. (1963). Dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança e na situação psicanalítica. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação* (I. C. S. Ortiz, trad.) (pp. 225-233). Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

Recebido em 22/03/2018

Aceito em 28/06/2018

Revisão gramatical de **Ellen Garber**

Revisão técnica de **Cristiano Frank**

Nara Amália Caron

Av. Carlos Gomes, 1286/301

90480-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: nacaron@portoweb.com.br

Rita Sobreira Lopes

Rua Ramiro Barcelos, 1853/112

90035-006 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: sobreiralopes@portoweb.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA